organização

SAULO GOMES

bastidores do filme

ANA KARLA DUBIELA
JÚLIO SONSOL

colaboradores

ABEL SIDNEY
CARLOS BACCELLI
CLEUNICE ORLANDI DE LIMA
DIVALDO FRANCO
RAUL TEIXEIRA
THEREZINHA OLIVEIRA
VILSON DISPOSTI

mensagens

CHICO XAVIER & EMMANUEL
CLAYTON LEVY & SCHEILLA
PLÍNIO OLIVEIRA
RICHARD SIMONETTI

entrevistados

CELSO AFONSO
EURÍPEDES HUMBERTO DOS REIS
NENA GALVES

fotos

ABRAHÃO OTOCH
SORAYA RAMALHO

InterVidas

AS MÃES DE Chico Xavier

Lições de vida sobre a morte, o aborto, as drogas e o suicídio.

dois mil e onze

CATANDUVA, SP

sumário

cena ▸
PRÓLOGO
ANTE OS QUE PARTIRAM 12
Chico Xavier e Emmanuel

cena 1
APRESENTAÇÃO
SAULO GOMES 18
ANA KARLA DUBIELA 24
LUÍS EDUARDO GIRÃO 28

cena 2
INVERSÃO DE CENA
O FILME QUE INSPIROU O LIVRO 38
Os editores

cena 3
O FILME
A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA 46
Ana Karla Dubiela
ROTEIRO: A GESTAÇÃO, O PARTO... 60
Ana Karla Dubiela
O JORNALISTA E O MÉDIUM 68
Ana Karla Dubiela
QUEM SÃO AS MÃES DE CHICO XAVIER 74
Ana Karla Dubiela
AMOR DE PAI 90
Júlio Sonsol

cena 4
A VIDA
EM CENA, AS MÃES DA VIDA REAL 108
Ana Karla Dubiela
JOIAS DEVOLVIDAS 178
Richard Simonetti

cena 5
PERDA DE ENTES QUERIDOS
AS MÃES, CHICO XAVIER E... 186
Abel Sidney
BEBETE 190
Divaldo Franco
MORRER É MUDAR CONTINUANDO... 204
Therezinha Oliveira
À FRENTE DA MORTE 216
Chico Xavier e Emmanuel

cena 6
ABORTO
O MAIOR ROUBO 222
Abel Sidney
DR. THADEU MERLIN 226
Divaldo Franco
DEIXEM-ME VIVER 244
Therezinha Oliveira
A QUEM JÁ ABORTOU 248
Cleunice Orlandi de Lima
SÍLVIA 256
Plínio Oliveira

cena 7
DROGAS

ONDE FOI QUE ERRAMOS? 264
Abel Sidney

RICHARD 268
Divaldo Franco

DROGADIÇÃO 278
Raul Teixeira

COMO CONQUISTAR A CURA... 290
Vilson Disposti

APOIO NO LAR 298
Chico Xavier e Emmanuel

cena 8
SUICÍDIO

O MORTO QUE CONTINUA VIVO 306
Abel Sidney

O SUICIDA DO TREM 310
Divaldo Franco

SUICÍDIO? UM DOLOROSO ENGANO 316
Therezinha Oliveira

PÁRA E PENSA 328
Clayton Levy e Scheilla

cena 9
OS BASTIDORES DO FILME

QUATRO MÃOS, UMA CÂMERA E AS... 334
Ana Karla Dubiela

OS OLHOS DA ALMA: A FOTOGRAFIA 346
Ana Karla Dubiela

O ELENCO, ENTRE A SUTILEZA E A... 350
Ana Karla Dubiela

A MAGIA DOS EFEITOS VISUAIS 362
Júlio Sonsol

OS SONS DA EMOÇÃO 366
Ana Karla Dubiela

cena 10
EXTRAS

CARTAS 388
Carlos Baccelli

MAIS LIÇÕES 396
Celso Afonso, Eurípedes Humberto dos Reis e Nena Galves

cena ■
EPÍLOGO

ELES VIVEM 410
Chico Xavier e Emmanuel

30NDF
ROLL
A-119
SEQ
46
CENA
1
TAKE
1
FPS
24
CAM
A
Dcode® TS-3
PROD
As Mães de Chico Xavier
DIR
GLAUBER - HALDER

PRÓLOGO

ANTE OS QUE PARTIRAM

CHICO XAVIER e EMMANUEL

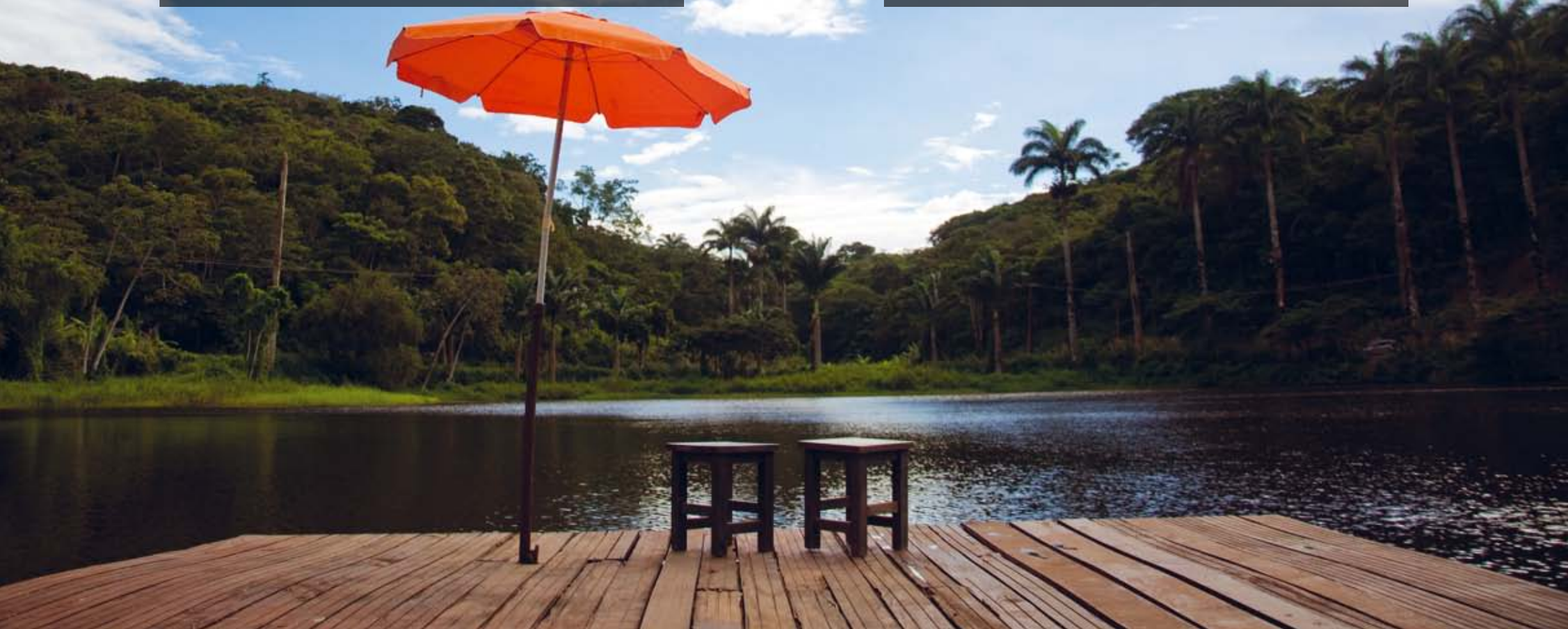
Nenhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio.

Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo.

Digam aqueles que já estreitaram de encontro ao peito um filhinho transfigurado em anjo da agonia; um esposo que se despede, procurando debalde mover os lábios mudos; uma companheira cujas mãos consagradas à ternura pendem extintas; um amigo que tomba desfalecente para não mais se erguer, ou um semblante materno acostumado a abençoar, e que nada mais consegue exprimir senão a dor da extrema separação, através da última lágrima.

Falem aqueles que, um dia, se inclinaram, esmagados de solidão, à frente de um túmulo; os que se rojaram em prece nas cinzas que recobrem a derradeira recordação dos entes inesquecíveis; os que caíram, varados de saudade, carregando no seio o esquife dos próprios sonhos; os que tatearam, gemendo, a lousa imóvel, e os que soluçaram de angústia, no ádito dos próprios pensamentos, perguntando, em vão, pela presença dos que partiram.

Todavia, quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da



oração, porque os chamados *mortos* são apenas ausentes, e as gotas de teu pranto lhes fustigam a alma como chuva de fel.

Também eles pensam e lutam, sentem e choram.

Atravessam a faixa do sepulcro como quem se desvencilha da noite, mas, na madrugada do novo dia, inquietam-se pelos que ficaram... Ouvem-lhes os gritos e as súplicas, na onda mental que rompe a barreira da grande sombra, e tremem cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação ou se voltam para o suicídio.

Lamentam-se quanto aos erros praticados e trabalham, com afinco, na regeneração que lhes diz respeito.

Estimulam-te à prática do bem, partilhando-te as dores e as alegrias.

Rejubilam-se com as tuas vitórias no mundo interior e consolam-te nas horas amargas para que te não percas no frio do desencanto.

Tranquiliza, desse modo, os companheiros que demandam o além, suportando corajosamente a despedida temporária, e honra-lhes a memória, abraçando com nobreza os deveres que te legaram.

Recorda que, em futuro mais próximo que imaginas, respirarás entre eles, comungando-lhes as necessidades e os problemas, porquanto terminarás também a própria viagem no mar das provas redentoras.

E, vencendo para sempre o terror da morte, não nos será lícito esquecer que Jesus, o nosso divino mestre e herói do túmulo vazio, nasceu em noite escura, viveu entre os infortúnios da Terra e expirou na cruz, em tarde pardacenta, sobre o monte empedrado, mas ressuscitou aos cânticos da manhã, no fulgor de um jardim.

“Os chamados *mortos* são apenas ausentes. Eles pensam e lutam, sentem e choram. Em futuro mais próximo que imaginas, respirarás entre eles.”

Religião dos Espíritos: estudos e dissertações em torno da substância religiosa de O livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Francisco Cândido Xavier, Espírito Emmanuel. 21.ª ed. FEB, Rio de Janeiro, 2010 [pp. 221–224].

APRESEN-TAÇÃO

cena 1

SAULO GOMES

Somente o puro e profundo amor materno para tornar real uma das mais belas lições que a vida pode proporcionar: "Só existe algo mais marcante do que perder um filho: descobrir que ele continua vivo!"

Ao longo dos meus 55 anos de trabalho, sempre resolvi bem as situações inusitadas e raramente a emoção me tirou o foco do assunto a ser reportado.

Muito dificilmente eu me deixava contagiar pelo assunto jornalístico e nunca a matéria fugiu do meu controle. Quando Chico Xavier me recebeu pela primeira vez, tive que me esforçar para que esse "envolvimento" não acontecesse.

A partir de maio de 1968, data da minha primeira entrevista com Chico, na Comunhão Espírita Cristã (Uberaba, MG), e anos depois no Grupo Espírita da Prece, mais conhecido como Casa da Prece, eu documentei os mais impressionantes momentos da psicografia do extraordinário médium.

No momento em que Chico quebrava o silêncio e iniciava a leitura de mais uma psicografia, aguçava em cada um dos presentes a expectativa de ser o destinatário daquela mensagem.

Em cada reunião, das muitas a que assisti, havia a presença de mães, muitas oriundas de cidades distantes, na esperança de receber uma mensagem do filho.

Quando uma delas recebia a esperada mensagem, a emoção tomava conta de todas, e, muitas vezes, o próprio Chico chorava abraçado à mãe emocionada e agradecida, e sempre recomendava:

"Minha filha, procure os necessitados, dê sua colaboração aos asilos, creches, favelas, presídios e lares muito pobres. Assim, você estará homenageando seu filho através da caridade e do amor ao próximo."

Como sabemos, algumas dessas mensagens psicografadas, que sempre traziam conforto aos corações, tiveram importância na decisão de ações judiciais e na reconciliação de famílias.

Muitas dessas mensagens foram alvo de investigação por espíritas estudiosos do assunto, parapsicólogos, autoridades judiciais e muitos repórteres.

João Batista Machado

Existem hoje milhares de obras sociais inspiradas pelo nosso Chico, grande parte delas criadas por pais enlutados, os quais escolheram uma data significativa para uma vez por ano promover uma grande festa: no aniversário do filho, no Natal, no Dia das Crianças, no Dia das Mães, exercitando dessa maneira a caridade e o amor apregoados por Chico.

Centenas de mães receberam de Chico esse conselho e muitas já tiveram sua história contada em livros. Para registrar de maneira inesquecível comoventes experiências de "perda de filhos", o cinema transcendental levou para as telas a história de algumas dessas mães através do filme: *As mães de Chico Xavier*.

Fiquei surpreso e muito honrado com o convite de Luís Eduardo Girão, produtor de *As mães de Chico Xavier*, para organizar o livro sobre o filme que marcou o encerramento das homenagens ao centenário de nascimento de Chico Xavier.

Que felicidade me proporcionou esse convite!

Com o auxílio da competente equipe da editora Inter-Vidas, concluímos este livro, no qual o leitor vai encontrar textos extraordinários de importantes autores focalizando os temas: morte, aborto, suicídio e drogas, propiciando uma análise impactante desses assuntos capitais.

Entrevistamos mães enlutadas, grandes companheiros de Chico Xavier e os atores que viveram, no cinema, com emoção e competência cada uma dessas histórias.

A jornalista e escritora Ana Karla Dubiela apresenta-nos momentos emocionantes e inusitados dos bastidores das filmagens, entrevistas com a equipe do filme e os desafios da sua produção.

Os fotógrafos Abrahão Otoch e Soraya Ramalho encantam-nos com suas imagens repletas de significado e sentimento.

A emoção renovada de cada uma das mães entrevistadas, a análise dos temas aqui abordados por notáveis líderes espíritas, tocantes casos reais, textos consoladores fazem parte desta obra.

A presença de Chico Xavier nos ensinamentos que nos legou, como homem exemplar e como medianeiro incomparável; a competência dos cineastas cearenses capitaneados por Glauber Filho e Halder Gomes oferecem-nos oportunidade para esclarecimento e reflexão sobre a vida além da morte.

Convido-o, amigo leitor, a uma análise extensa sobre esta obra; você vai perceber que também faz parte dela, se não como protagonista, ao menos como seu destacado coadjuvante. Vamos à leitura!

Afinal, somente o puro e profundo amor materno para tornar real uma das mais belas lições que a vida pode proporcionar:

"Só existe algo mais marcante do que perder um filho: descobrir que ele continua vivo!"

Convido-o, amigo leitor, a uma análise extensa sobre esta obra; você vai perceber que também faz parte dela, se não como protagonista, ao menos como seu destacado coadjuvante.

Saulo Gomes

SAULO GOMES

Nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de maio de 1928. Mais experiente repórter investigativo do país, participou ativamente de alguns dos principais momentos da rádio e da TV brasileiras. Em mais de 50 anos de atuação profissional, gerou grandes "furos" jornalísticos e desvendou casos de imensa repercussão no Brasil e no exterior, tendo recebido dezenas de prêmios. Por sua coragem em encontrar e divulgar a melhor e mais confiável informação, foi o primeiro jornalista cassado pela revolução de 1964 e enfrentou mais de 100 processos criminais e cíveis. Sua lisura e fidelidade à verdade renderam-lhe a absolvição em todos os processos. Conquistou a confiança e a amizade de Chico Xavier, com quem conviveu por mais de 30 anos, tornando-se "o repórter do Chico". Idealizou e viabilizou a presença de Chico no programa "Pinga-Fogo" da TV *Tupi*, a maior audiência da história de uma produção nacional. Autor de livros e vídeos, organizador do sucesso editorial *Pinga-Fogo com Chico Xavier*.

ANA KARLA DUBIELA

A vida é bem mais do que se possa imaginar. Essa trilha pode ter início quando você assistir ao filme ou ler este livro, quem sabe? A minha busca começa agora, ao dividir com você o meu primeiro contato com Chico Xavier e com *As mães*...

Um filme que quebra paradigmas e certas regras impostas ao mercado cinematográfico brasileiro. *As mães de Chico Xavier* sai do eixo Rio–São Paulo e tem o legítimo sotaque cearense. A data de lançamento, 1.º de abril, véspera do aniversário de Chico Xavier, marcou o último dia, o encerramento do ano em que se comemorou o centenário de nascimento do médium mineiro.

As mães de Chico Xavier foi adiado quatro vezes, para que não disputasse espaço com *Chico Xavier*, dirigido por Daniel Filho, ou com *Nosso Lar*. A bilheteria inesperada de *Bezerra de Menezes* impulsionou, no Brasil, os investimentos em cinema de cunho transcendental – seguindo uma tendência mundial de se fazer literatura, teatro e cinema sobre um assunto que, cada vez mais, interessa às pessoas de diversas religiões e profissões de fé.

As histórias do filme dirigido por Glauber Filho e Halder Gomes, com roteiro de Emmanuel Nogueira, não traz Chico Xavier, sua biografia ou a doutrina espírita como tema central, mas prioriza as histórias de três mães que buscam consolo nas cartas psicografadas por ele. Está no limiar entre ficção e realidade. São histórias tão próximas do nosso cotidiano, de nossas vivências contemporâneas, que bem poderiam ter acontecido com um vizinho nosso, um parente, um conhecido ou com nós mesmos.

Inquestionavelmente, há história nessas histórias. Inspiradas inicialmente pelo livro *Por trás do véu de Ísis*, de Marcel Souto Maior, jornalista, escritor e biógrafo de Chico Xavier, e em tantos outros títulos, que reúnem as cartas psicografadas por Chico Xavier, a principal fonte de pesquisa do roteirista foi, entretanto, o depoimento de mães que realmente sofreram a perda de um filho e procuraram ajuda no Grupo Espírita da Prece, fundado em 1975 por Chico. No filme, as mães Célia, Graciela e Neusa falam como se estivessem dando uma

Jarbas Oliveira

entrevista ao jornalista Karl (Caio Blat), mas estão ali revivendo suas dores e dizendo como foi possível renascer. É a história por trás da história. São exemplos reais de um dos maiores legados de Chico Xavier neste mundo: a psicografia, o amor de pai que ele dedicou às milhares de mulheres que buscavam um consolo, um sentido para seguir em frente.

Karl recebeu de Mário (Herson Capri) a tarefa de descobrir, em sua reportagem, se as cartas psicografadas são autênticas ou se tudo não passa de um grande e bem planejado engodo. Assim como fez, anteriormente, o repórter Marcel Souto. Por trás da tela, o espectador se faz a mesma pergunta. E questiona-se também sobre a violência urbana, as relações familiares, o aborto, o suicídio, o uso de drogas, o perdão, a espiritualidade, a fé.

Certamente, qualquer que seja sua crença, não encontrará respostas prontas. Mas poderá seguir alguns indícios de que a vida é bem mais do que possa imaginar. Essa trilha pode ter início quando assistir ao filme ou ler este livro, quem sabe? A minha busca começa agora, ao dividir com você o meu primeiro contato com Chico Xavier e com *As mães*...

Histórias tão próximas do nosso cotidiano que bem poderiam ter acontecido com um vizinho nosso, um parente, um conhecido ou com nós mesmos. Inquestionavelmente, há história nessas histórias.

Ana Karla Dubiela

ANA KARLA CORREIA TEIXEIRA DUBIELA
Nasceu em Iguatu, CE, em 22 de abril de 1964. Doutoranda em literatura comparada na Universidade Federal Fluminense (RJ). Possui graduação em comunicação social, especialização em estudos literários e culturais e mestrado em literatura brasileira, todos pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É autora dos livros *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos – uma leitura da crítica social em Rubem Braga* e *Um coração postiço – a formação da crônica de Rubem Braga*. Organizou, editou e revisou o livro *Segurança alimentar e nutricional: teoria e prática – a experiência da Vida Brasil*.

LUÍS EDUARDO GIRÃO

Nós chegamos a um momento de muitos questionamentos, de muitas dúvidas. A arte transcendental nos inspira a buscar uma nova trajetória de vida. A ter esperança, a acreditar no amor.

O PROJETO DE REALIZAÇÃO DO FILME *AS MÃES DE CHICO XAVIER* começou muitos anos antes da série de filmes transcendentais que impulsiona o mercado nacional de cinema. Em 2001 tive síndrome do pânico causado por um vazio existencial. Dedicado quase exclusivamente ao trabalho, com foco na acumulação de bens materiais, identifiquei uma inversão de valores: a família ficava em terceiro lugar e os amigos, em quarto. Não havia nenhuma preocupação com a espiritualidade, nem religioso me considerava, apesar de ter sido batizado e feito primeira comunhão.

Estava nos Estados Unidos e lá entrei em contato com o livro *Many times, many masters* (*Muitas vidas, muitos mestres*), do psiquiatra Brian Weiss, que desenvolveu a linha de terapia de vidas passadas. Nele percebi um bom senso na transcendência, uma lógica e coerência na reencarnação.

Ao retornar ao Brasil, assisti à peça *O cândido Chico Xavier*, em São Paulo. Era um musical, economicamente despojado, que me tocou profundamente. Foi o meu primeiro contato com o médium mineiro, que me levou a ler e pesquisar sobre o espiritismo e esse grande humanista brasileiro.

Chorei feito uma criança durante o espetáculo e senti o poder transformador da arte transcendental. Refleti muito e revi, dali em diante, meus valores e atitudes nesta abençoada escola chamada Terra.

Ainda impressionado com a peça do paraense Flávio Serra, já falecido, levei-a para Fortaleza, minha cidade natal. Mesmo, na época, sem nenhum conhecimento da indústria do entretenimento, a iniciativa foi um sucesso: em apenas um final de semana, 4 200 pessoas assistiram ao espetáculo no tradicional Theatro José de Alencar. Ali, vi as pessoas se emocionarem muito. Novas ideias vieram à minha cabeça.

Alex Regis | Tribuna do Norte

Em seguida, criamos a Mostra Brasileira de Teatro Transcendental e logo depois a ONG Estação da Luz. A mensagem de que há algo mais além da matéria está sendo passada e apreendida; de que o sentido da vida é a solidariedade e a fraternidade para com o próximo. É este o principal objetivo da Mostra que completou em 2011 a nona edição consecutiva. Se fosse só por lucro, com certeza não daria certo.

Do teatro, a Estação da Luz enveredou pelo mundo do cinema. Nazareno Feitosa, policial federal e voluntário das realizações da ONG, foi quem me sugeriu a realização de audiovisuais. O meio permitiria o acesso ainda maior de público. Então surgiu o filme *Bezerra de Menezes – o diário de um Espírito* que acabou sendo o precursor deste novo gênero do cinema brasileiro: o transcendental.

Dentro dos títulos que marcaram o centenário de Chico Xavier, o filme *As mães de Chico Xavier* também tem uma história singular: o orçamento de R$ 3,8 milhões está longe da produção dirigida por Daniel Filho, *Chico Xavier*, que custou R$ 11 milhões (coprodução da Estação Luz Filmes), e de *Nosso Lar*, cujos gastos chegaram a R$ 20 milhões, o maior orçamento da história do cinema nacional. A surpreendente aceitação de *Bezerra de Menezes*, com modesto orçamento de R$ 2 milhões, foi a deixa para que grandes produtores desengavetassem seus projetos (os já citados *Chico Xavier* e *Nosso Lar*), sem receio de prejuízos. O despretensioso documentário, com pinceladas de ficção, foi quase que totalmente ignorado pelos grandes distribuidores. Não havia ainda nenhuma expectativa comercial positiva sobre esse tipo de obra. Mas o sucesso de público para um longa que contou praticamente com o boca a boca e as listas de *e-mails* como meio de divulgação surpreendeu a todos: iniciando

"As Mães de Chico Xavier" retrata o mandato de amor dele. É o ser humano Chico Xavier próximo da gente.

Luís Eduardo Girão

com apenas 44 cópias lançadas simultaneamente em todas as capitais, mais de meio milhão de pessoas invadiram os cinemas do país para conhecer a vida do médico e espírita cearense. Estava nascendo – e com força – um novo gênero do cinema brasileiro.

A trilogia involuntária que homenageia Chico Xavier completa-se porque cada uma das obras aborda um aspecto diferente. O filme dirigido por Daniel Filho, lançado exatamente no dia do centenário do pacifista, é a sua biografia, sua vida; *Nosso Lar* é uma das principais obras psicografadas por Chico, e *As mães de Chico Xavier* aborda o que mais o gratificava como médium, por mais de 40 anos: consolar mães e parentes de pessoas que já partiram deste plano para

o mundo espiritual, ou seja, o legado de amor que ele nos deixou. *As mães de Chico Xavier* retrata o mandato de amor dele. É o ser humano Chico Xavier próximo da gente.

A Estação Luz Filmes também definiu os temas a ser abordados no roteiro. Escolhemos essas histórias porque passam mensagens que esclarecem e educam o espírito das pessoas. O filme e este livro pretendem levantar as consequências espirituais do aborto, do consumo de drogas e do suicídio. A ONG Estação da Luz nasceu defendendo a vida desde a concepção e este é mais um trabalho pró-vida. Hoje integramos o Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil Sem Aborto, presente em 12 estados, e fundamos o Movida – Movimento Internacional pela Vida e Não Violência.

LUÍS EDUARDO GRANGEIRO GIRÃO

Nasceu em Fortaleza, em 25 de setembro de 1972. Estudante de jornalismo e empresário (Servis Segurança, Ultralimpo, Life Defense e Porto D'Aldeia Resort). Fundou, junto com um grupo de amigos idealistas, a Associação Estação da Luz, entidade civil sem fins lucrativos com sede em Eusébio, CE, que mantém vários projetos que visam a semear a cultura da vida, da paz e da solidariedade. Produtor dos filmes *Bezerra de Menezes, o diário de um Espírito* e *As mães de Chico Xavier*, além dos documentários *Flores de Marcela* e *Quantos 'Eu te amo' eu teria escutado em 15 minutos*. Coprodutor do longa-metragem *Chico Xavier*, de Daniel Filho. Idealizador da Semana Chico Xavier, da Exposição Os Pacifistas (Expopaz) e da Exposição em Favor da Vida (Expovida). É vice-presidente do Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil Sem Aborto e cofundador da Agência da Boa Notícia.

Com *As mães de Chico Xavier*, a expectativa da Estação da Luz, que já tem outros projetos em gestação, é dar mais um passo na promoção da paz e do bem.

Se *As mães de Chico Xavier* transformar a vida de apenas uma pessoa, já estará cumprida a tarefa dos que fazem a Estação da Luz, ou seja, todo o nosso esforço terá valido a pena.

Este é um trabalho pró-vida. Se "As Mães de Chico Xavier" transformar a vida de apenas uma pessoa, todo o nosso esforço terá valido a pena.

Luís Eduardo Girão

INVERSÃO DE CENA

2ena

O FILME QUE INSPIROU O LIVRO

OS EDITORES

A LITERATURA APRESENTA INÚMERAS OBRAS CONSAGRADAS que foram adaptadas e transformadas em produções cinematográficas. Com o livro *As mães de Chico Xavier,* o caminho foi no sentido oposto: o filme inspirou a elaboração do livro.

Essa ideia partiu do produtor Luís Eduardo Girão, consolidando-se num livro que apresenta informações sobre os bastidores das filmagens e principalmente esclarece e consola aqueles que experimentaram ou que estejam vivenciando uma das mais terríveis dores: a perda de entes amados – tema central do filme.

Outros assuntos não menos importantes e igualmente delicados fizeram parte da produção audiovisual numa reflexão em prol da vida também abordada nesta obra: aborto, drogas e suicídio.

Este livro trata dessas questões por meio da filosofia espírita, respeitando as convicções religiosas de cada um, sem fazer proselitismo, apresentando verdades que transcendem rótulos.

Conheça as histórias reais vivenciadas por mães que "perderam" seus filhos queridos e os encontraram de volta nas mensagens psicografadas por Chico Xavier. Emocione-se com as lições de vida narradas por Divaldo Franco, Plínio Oliveira e Richard Simonetti. Encontre as respostas para os seus questionamentos nas explicações de Raul Teixeira, nas aulas de Therezinha Oliveira e nos esclarecimentos de Vilson Disposti. Sinta o conforto nos artigos de Abel Sidney e Cleunice Orlandi de Lima. Aprofunde-se com as reflexões dos benfeitores espirituais Emmanuel e Scheilla pela mediunidade de Chico Xavier e de Clayton Levy. Desfrute da vasta experiência nas participações especiais de Carlos Baccelli, Celso Afonso, Eurípedes Humberto dos Reis e Nena Galves. Encante-se com as declarações de atores que já impressionaram milhões de pessoas. E ainda perceba nas entrelinhas a presença viva dos seus queridos que o precederam na grande viagem...

Assim, esta leitura trará para você emoção, equilíbrio, bem-estar, segurança e esclarecimento, contribuindo para um relacionamento ainda mais feliz, harmonioso e duradouro com as pessoas que você ama e que fazem parte da sua vida... aqui e no além!

Nesta obra, conheça histórias reais, emocione-se com lições de vida, encontre respostas para os seus questionamentos, sinta o conforto nos textos, aprofunde-se com as mensagens reflexivas...

MORRER É MUDAR CONTINUANDO EM ESSÊNCIA O MESMO

THEREZINHA OLIVEIRA

Costuma-se simbolizar a morte por um esqueleto chacoalhante (o que restaria do corpo), armado de foice (com que cortaria o fio da vida), portando uma ampulheta (para contar o tempo de vida das criaturas) e vestindo um manto preto (em que a pessoa que morreu seria escondida para sempre de nós).

Será a morte feia e terrível assim?

O que a morte parece ser

Para os materialistas, que somente acreditam na matéria, a morte é o fim da vida nos seres, a completa e irresistível desorganização dos corpos, o fim de tudo.

Mesmo entre os espiritualistas, grande parte encara a morte com temor. Creem em algo além do corpo, mas apenas de modo teórico. Como não se utilizam do intercâmbio mediúnico, falta-lhes a experiência pessoal, as provas quanto à sobrevivência do Espírito. Em consequência, a morte parece-lhes porta de entrada para o desconhecido. E nada mais assustador do que aquilo que não se conhece.

O que a morte realmente é

A morte é apenas o processo pelo qual o Espírito se desliga do corpo que perdeu a vitalidade e não lhe pode mais servir para a sua manifestação no mundo terreno.

O Espírito não morre quando o corpo morre. Não depende dele para existir. Antes de encarnar neste mundo, o Espírito já existia e vai continuar existindo depois que o corpo morrer.

Desligado do corpo que morreu, o Espírito continuará a viver, em condições diferentes de manifestação, em outro plano de atividades: o mundo espiritual, sua pátria de origem.

Para entendermos bem isso, recordemos como é que encarnamos e desencarnamos.

Como encarnamos

A ligação do espírito com a matéria dá-se por meio do perispírito (corpo espiritual) e faz-se desde a concepção.

Ligado ao ovo, o perispírito vai servir de molde para a formação do corpo material, sendo utilizados nessa formação os elementos hereditários fornecidos por pai e mãe. As células multiplicam-se em obediência às leis da matéria e em conformidade com a influência que o perispírito do reencarnante exerce.

Quando o corpo apresenta condições de vida independente do organismo materno, dá-se o nascimento físico.

A DESENCARNAÇÃO

A carga vital, que havíamos haurido ao encarnar, um dia se esgotará, acarretando a morte física. Esse esgotamento ocorre por velhice, por excessos e desregramentos ou porque

DROGADIÇÃO

RAUL TEIXEIRA

A droga tem várias bases para sua instalação. Em princípio, é uma fragilidade, um anseio, uma busca seja do que for. Qualquer pessoa que procure usar um produto que o tire da sua lucidez é alguém que deseja fugir de si mesmo por qualquer motivo, quase sempre fruto de seus conflitos interiores. No entanto, há indivíduos que acabam tornando-se dependentes químicos não porque tenham vivido conflitos interiores que desejam deles fugir, mas porque se acostumaram desde criança no meio social em que viviam e acabaram por se tornar usuários de produtos que eram usados em sua casa, na sua vizinhança, no seu meio social, de modo que a droga tem vários elementos que lhe dão sustentação. Doentes que começaram a tomar drogas como remédio e acostumaram-se com elas, passando a se tornar dependentes químicos dessas drogas. Há muitos matizes para a questão da droga.

Efeitos no espírito

É muito interessante acompanharmos o que se sabe muito dos efeitos somáticos em *petit comité* [pequeno grupo]. A massa não sabe, a massa ouve dizer e não presta atenção, porque é impossível, é inconcebível acreditar-se que uma pessoa que saiba da tragédia que a dependência química produz sobre o organismo continue a usá-la ou passe a usá-la. Então, muitas vezes a criatura não acredita que seja tanto assim: "Eu sou forte, comigo não vai acontecer, eu saio na hora em que eu quiser." Essa é uma fragilidade do autojulgamento, da autoavaliação. Muita gente não sabe de fato dos malefícios que certas substâncias químicas, principalmente de tropismo neurológico, neuropsíquico, podem provocar sobre o corpo.

Contudo, sobre o elemento espiritual, sobre a alma, os efeitos são mais devastadores porque há certas drogas que têm uma penetração direta na nossa estrutura energética. Nós somos seres energéticos, o nosso corpo espiritual é estruturado em linhas de força, em linhas elétricas, eletromagnéticas. É sobre essa malha eletromagnética que se situam as células físicas. Qualquer produto que alcance essas células físicas tem acesso à nossa trama eletromagnética. Se jogarmos um pano molhado sobre uma rede de alta tensão, fecha-se um circuito e essa rede estoura porque passam elementos de um fio para o outro. Aquilo que alcançar o corpo vai causar repercussão sobre a alma em linhas gerais. Toda pessoa que se embriaga com qualquer tipo de droga promove um desajuste na sua frequência vibratória, nos seus centros energéticos, nas suas linhas de força. Em síntese, no seu circuito eletroeletrônico, e é esse circuito eletroeletrônico que dá sustentabilidade ao corpo físico.

Qualquer desarranjo nessa malha eletroeletrônica – chamada de perispírito na linguagem espírita, corpo espiritual na linguagem de Paulo de Tarso, *ka* na linguagem dos egípcios – desestrutura o corpo físico. É muito grave que muitas vezes as pessoas usam drogas com essas características encharcam a mente, o sistema energético, e depois elas passam a apresentar patologias fisiológicas, doenças orgânicas. Às vezes, elas dizem: "Mas eu já deixei o cigarro há

O SUICIDA DO TREM

DIVALDO FRANCO

Eu nunca me esquecerei que um dia havia lido num jornal acerca de um suicídio terrível que me impactou: um homem jogou-se sobre a linha férrea, sob os vagões da locomotiva, e foi triturado. E o jornal, com todo o estardalhaço, contava a tragédia, dizendo que aquele era um pai de dez filhos, um operário modesto.

Aquilo me impressionou tanto que resolvi orar por esse homem.

Tenho uma cadernetinha para anotar nomes de pessoas necessitadas. Eu vou orando por elas e, de vez em quando, digo: "Se este aqui já não evoluiu, vou dar o seu lugar para outro; não posso fazer mais."

Assim, coloquei-lhe o nome na minha caderneta de preces especiais – as preces que eu faço pela madrugada. Da minha janela, eu vejo uma estrela e acompanho o seu ciclo; então, fico orando, olhando para ela, conversando. Somos muito amigos, já faz muitos anos. Ela é paciente, sempre aparece no mesmo lugar e desaparece num outro.

Comecei a orar por esse homem desconhecido. Fazia a minha prece, intercedia, dava uma de advogado, e dizia:

— Meu Jesus, quem se mata (como dizia minha mãe) "não está com o juízo no lugar". Vai ver que ele nem quis se matar; foram as circunstâncias. Orava e pedia, dedicando-lhe mais de cinco minutos (e eu tenho uma fila bem grande), mas esse era especial.

Passaram-se quase quinze anos e eu orando por ele diariamente, onde quer que estivesse.

Um dia, eu tive um problema que me fez sofrer muito. Nessa noite cheguei à janela para conversar com a minha estrela e não pude orar. Não estava em condições de interceder pelos outros. Encontrava-me com uma grande vontade de chorar; mas sou muito difícil de fazê-lo por fora, aprendi a chorar para dentro. Fico aflito, experimento a dor, e as lágrimas não saem. (Eu tenho uma grande inveja de quem chora aquelas lágrimas enormes, volumosas, que não consigo verter.)

Daí a pouco a emoção foi-me tomando, e, quando me dei conta, chorava.

Nesse ínterim, entrou um Espírito e me perguntou:

— Por que você está chorando?

— Ah, meu irmão – respondi – hoje estou com muita vontade de chorar, porque sofro um problema grave e, como não tenho a quem me queixar, porquanto eu vivo para consolar os outros, não lhes posso contar os meus sofrimentos. Além do mais, não tenho esse direito; aprendi a não reclamar e não me estou queixando.

O Espírito retrucou:

— Divaldo, e se eu lhe pedir para que você não chore, o que é que você fará?

— Hoje nem me peça. Porque é o único dia que eu consegui fazê-lo. Deixe-me chorar!

— Não faça isso – pediu. — Se você chorar eu também chorarei muito.

— Mas por que você vai chorar? – perguntei-lhe.

— Porque eu gosto muito de você. Eu amo muito a você e amo por amor.

CARTAS

CARLOS BACCELLI

A PARTIR DA DÉCADA DE 1970, CONFORME O PRÓPRIO CHICO dizia-nos, teve início uma nova fase em sua laboriosa tarefa mediúnica – a chamada fase da "consolação". Essa foi, segundo ele, a quarta fase. Na primeira, vieram os poetas do *Parnaso de além-túmulo*; na segunda, os prosadores, com destaque para as obras de Humberto de Campos; na terceira, os doutrinadores, principalmente Emmanuel e André Luiz; e na quarta, finalmente, os habitantes comuns da vida espiritual. Dos mais de 400 livros da lavra mediúnica de Chico, mais de 100 constituem-se de coletâneas dessas cartas familiares, com provas irrefutáveis em torno da imortalidade da alma. A expressão "as mães de Chico Xavier" refere-se às mães, como também aos pais, que frequentavam Uberaba, com a esperança de notícias dos filhos desencarnados...

As vias do correio espiritual

Os filhos desencarnados comunicavam-se com maior frequência porque a saudade de seus genitores por eles excedia, como excede, os demais graus de parentesco familiar. Chico, no entanto, psicografava mensagens de cônjuges para cônjuges, de netos para avós, de irmãos para irmãos... enfim, de amigos para amigos, não importava a situação familiar entre remetente e destinatário. Mas, sem dúvida, os pais sempre compareciam em maior número nas reuniões, tendo a expectativa de um contato espiritual com os filhos amados... Chico dizia que os próprios Espíritos ainda não haviam *inventado* uma palavra para definir a dor de uma mãe quando perde o filho – perde supostamente, é claro!

O início das cartas

Na verdade, desde Pedro Leopoldo, quando começou sua abençoada tarefa, em 8 de julho de 1927, Chico recebia mensagens de cunho particular, endereçadas a familiares dos desencarnados. Não corresponde à realidade afirmar que ele somente se entregou a semelhante atividade na parte final de suas atividades mediúnicas. Fazia-o às vezes até com o intuito de minimizar a importância desse trabalho, que extrapola a análise superficial de quem não teve oportunidade de acompanhá-lo mais de perto.

A importância do trabalho de intercâmbio mediúnico

Façamos um levantamento do movimento espírita brasileiro, antes e depois da década de 1970. Veremos que, a partir desse intercâmbio mediúnico indiscriminado, ou seja, com os habitantes comuns do mundo espiritual, o número de instituições espíritas praticamente triplicou! A coisa funcionava assim: os familiares dos desencarnados, inicialmente consolados pelas cartas psicografadas, aderiam depois à doutrina, começavam a ler Kardec, Chico Xavier e, em suas cidades de origem, fundavam creches, lares para idosos, grupos espíritas na periferia, escolas, trabalho de assistência a gestantes, cursos profissionalizantes... De fato, ninguém consegue fazer ideia do profundo significado espiritual desse trabalho, que, por assim dizer, popularizou a mensagem da doutrina, fazendo com que ela penetrasse no seio de famílias que, antes, até lhe ofereciam resistência.

JOIAS DEVOLVIDAS

RICHARD SIMONETTI

Existe uma palavra-chave para enfrentarmos com serenidade e equilíbrio a morte de um ente querido: submissão.

Ela exprime a disposição de aceitar o inevitável, considerando que, acima dos desejos humanos, prevalece a vontade soberana de Deus, que nos oferece a experiência da morte em favor do aprimoramento de nossa vida.

A esse propósito, oportuno recordar antiga história oriental sobre um rabi, pregador religioso judeu que vivia muito feliz com sua virtuosa esposa e dois filhos admiráveis, rapazes inteligentes e ativos, amorosos e disciplinados.

Por força de suas atividades, certa vez o rabi se ausentou por vários dias, em longa viagem. Nesse ínterim, um grave acidente provocou a morte dos dois moços.

Podemos imaginar a dor daquela mãe!... Não obstante, era uma mulher forte. Apoiada na fé e na inabalável confiança em Deus, suportou valorosamente o impacto. Sua preocupação maior era o marido. Como transmitir-lhe a terrível notícia?!... Temia que uma comoção forte tivesse funestas consequências, porquanto ele era portador de perigosa insuficiência cardíaca. Orou muito, implorando a Deus uma inspiração. O Senhor não a deixou sem resposta...

Passados alguns dias, o rabi retomou ao lar. Chegou à tarde, cansado após longa viagem, mas muito feliz. Abraçou carinhosamente a esposa e foi logo perguntando pelos filhos...

— Não se preocupe, meu querido. Eles virão depois. Vá banhar-se, enquanto preparo o lanche.

Pouco depois, sentados à mesa, permutavam comentários do cotidiano, naquele doce enlevo de cônjuges amorosos, após breve separação.

— E os meninos? estão demorando!...

— Deixe os filhos... Quero que você me ajude a resolver um grave problema...

— O que aconteceu? Notei que você está abatida!... Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus!...

— Quando você viajou, um amigo nosso me procurou e confiou à minha guarda duas joias de incalculável valor. São extraordinariamente preciosas! Nunca vi nada igual! O problema é esse: ele vem buscá-las e não estou com disposição para efetuar a devolução.

— Que é isso, mulher! Estou estranhando seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades!...

— É que jamais vira joias assim. São divinas, maravilhosas!

— Mas não lhe pertencem...

— Não consigo aceitar a perspectiva de perdê-las!...

— Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo!

— Ajude-me!...

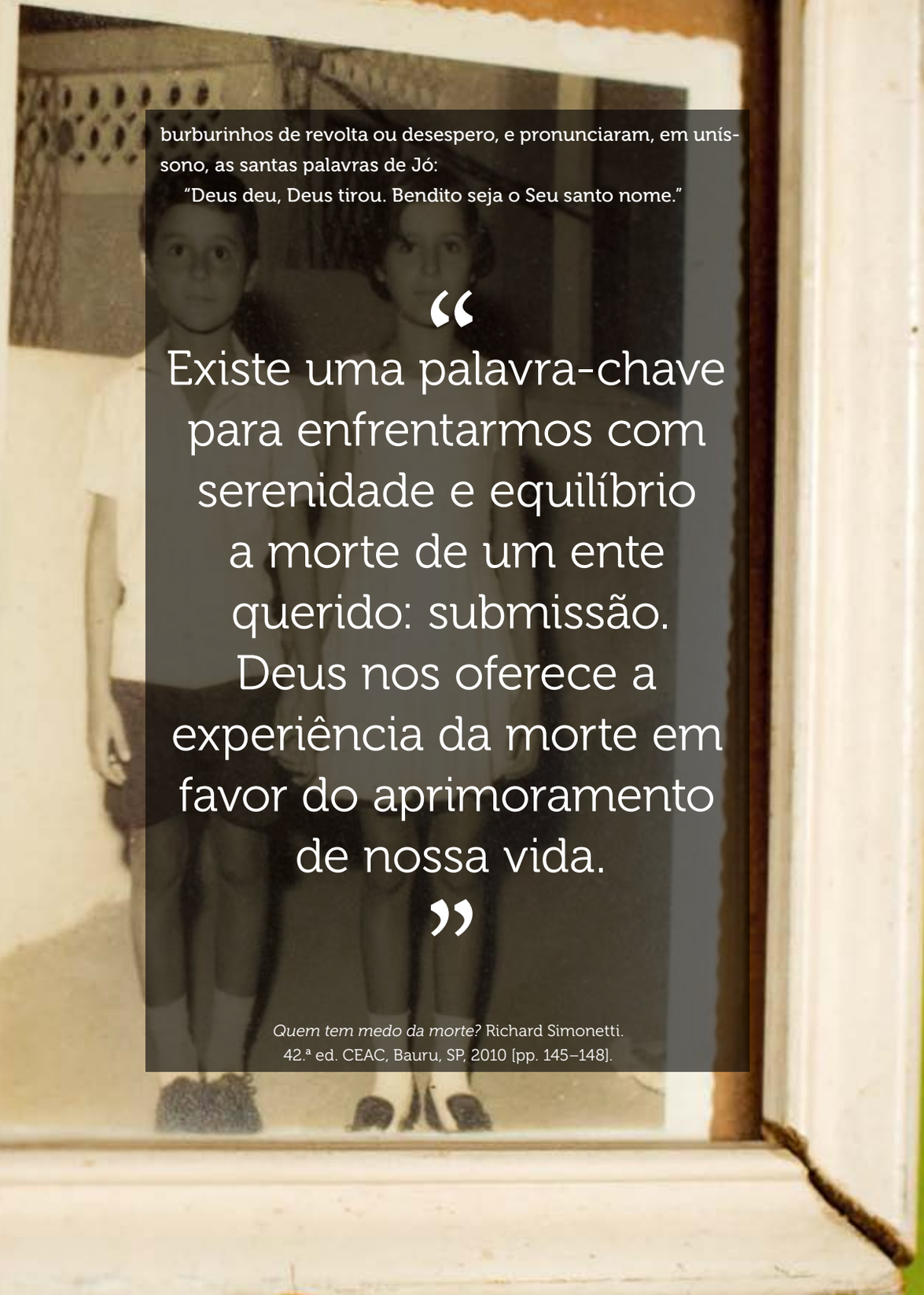
— Claro que o farei. Iremos juntos devolvê-las, hoje mesmo!

— Pois bem, meu querido, seja feita sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade, isso já foi feito. As joias eram nossos filhos. Deus, que no-los concedeu por empréstimo, à nossa guarda, veio buscá-los!...

O rabi compreendeu a mensagem e, embora experimentando a angústia que aquela separação lhe impunha, superou reações mais fortes, passíveis de prejudicá-lo.

Marido e mulher se abraçaram emocionados, misturando lágrimas que se derramavam por suas faces mansamente, sem burburinhos de revolta ou desespero, e pronunciaram, em uníssono, as santas palavras de Jó:

"Deus deu, Deus tirou. Bendito seja o Seu santo nome."



"Existe uma palavra-chave para enfrentarmos com serenidade e equilíbrio a morte de um ente querido: submissão. Deus nos oferece a experiência da morte em favor do aprimoramento de nossa vida."

Quem tem medo da morte? Richard Simonetti. 42.ª ed. CEAC, Bauru, SP, 2010 [pp. 145–148].

InterVidas

|| viva além! >>